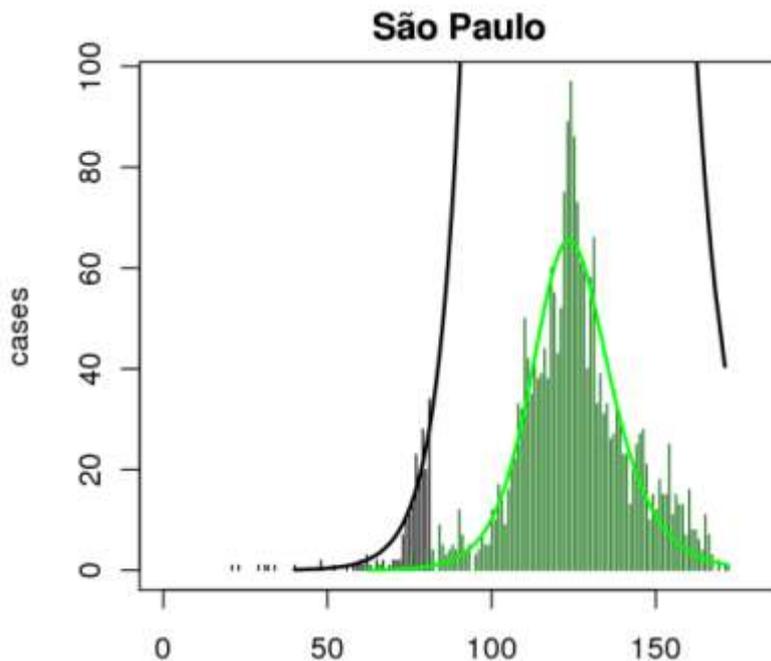


Newsletter nº 67 de 11 de Fevereiro de 2010

Gripe A no Brasil: um caso grave por cada oito leves

No Brasil, a cidade de São Paulo foi uma das primeiras a observar a epidemia de Gripe A. No início, todos os casos suspeitos eram testados, fossem leves (linhas pretas) ou graves (linhas verdes). Conforme os casos aumentaram, tornou-se inviável testar todos os casos e a Organização Mundial de Saúde sugeriu que o foco voltasse para os casos mais graves, isto é, aqueles com sintomas de dispneia.

A modelação matemática permitiu à equipa Gripenet-Brasil (www.gripenet.com.br) estimar a parte da curva que está faltando, como se pode ver no gráfico abaixo. Estimou-se que, em média, para cada caso grave houve cerca de 8 leves. A época da gripe, no Brasil, ocorre durante o Verão europeu.



Como a gripe A afectou as crianças na Europa

A pandemia de gripe H1N1 provocou um incremento da taxa de mortalidade infantil, em toda a Europa, no final do ano passado, porém não nos adultos. No impacto global em toda a população, houve menos mortes este Inverno devido à gripe do que nos anteriores.

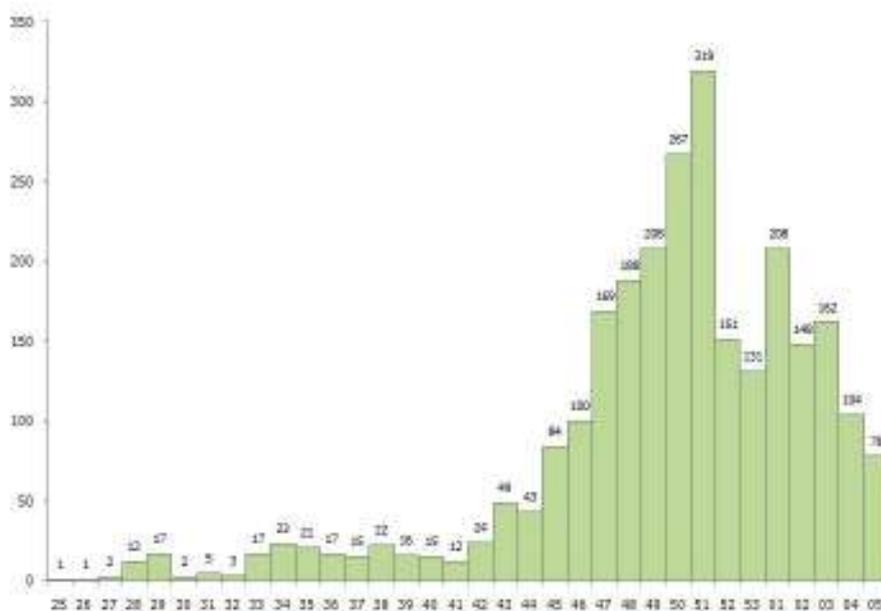
Os dados analisados por uma equipa de investigadores liderada por Anne Mazick, do Instituto Statens Serum, de Copenhaga (Dinamarca), indicam um incremento de 28% na taxa de mortalidade nas crianças entre os 5 e os 14 anos.

Em números absolutos, estamos a falar em mais 77 mortes do que o número normalmente estimado para este grupo etário, em período idêntico. O estudo foi publicado na revista online Eurosurveillance.

Estimar com precisão as mortes por gripe é difícil. Como a maioria das pessoas nunca chegam a ser observadas, as mortes nem sempre podem ser associadas ao vírus Influenza, havendo sub-notificação de casos. “Esta estimativa é, provavelmente, conservadora devido ao atraso nos relatórios”, escreve a equipa europeia, que analisou dados da Bélgica, Dinamarca, Grécia, Malta, Holanda, Suécia, Suíça e da região alemã de Hesse – uma população de 66,8 milhões de pessoas.

“Os nossos dados preliminares mostram que a mortalidade reportada durante a gripe pandémica de 2009 não alcançou os níveis normalmente observados durante as epidemias de gripe sazonal”, acrescentam os investigadores. Porém, resultou em mais mortes infantis do que o normal. “O forte aumento de mortes logo na semana 41 [de 2009] coincidiu com a generalização da actividade pandémica nos países participantes”, referem.

O artigo pode ser consultado em <http://bit.ly/asHdCh>



Evolução do número de mortes por gripe A confirmadas na Europa, entre a semana 25 de 2009 e a semana 5 de 2010. Fonte: ECDC

Portugal: mortalidade baixa mas jovem

Chegou-se a estimar que a gripe A poderia causar mais de dez mil mortes em Portugal. Contudo, ultrapassada a primeira onda da pandemia, o país só agora ultrapassou a barreira dos cem óbitos relacionados com a nova estirpe do H1N1.

Ainda assim, o pneumologista Filipe Froes, em declarações ao “Público”, alerta que, ao contrário da gripe sazonal, as mortes registaram-se em população "tendencialmente jovem". E 19 dos 105 mortos registados até ao momento não tinham qualquer factor de risco associado que pudesse fazer prever este desfecho.

Apesar de não ter tido a gravidade esperada, uma das previsões cumpriu-se: o vírus da pandemia acabou por eclipsar as estirpes sazonais que todos os anos costumam circular. O que fez com que se registassem muito menos casos de gripe sazonal e, conseqüentemente, muito menos óbitos. No ano passado, por esta altura, segundo o Instituto Ricardo Jorge, a gripe sazonal já tinha causado mais de mil mortes num total de 700 mil infectados.

Mas para o pneumologista do Hospital Pulido Valente, em Lisboa, "não se podem comparar laranjas com maçãs". Na gripe sazonal, 80 % das mortes ocorrem em pessoas com mais de 75 anos. Nesta, 43 das 105 mortes aconteceram entre os 37 e os 54 anos.



Também Mário Carreira, coordenador da Unidade de Emergência de Saúde Pública da Direcção-Geral da Saúde, sublinha que a questão da mortalidade "não está no número mas no tipo". E defende que "este ano não houve gripe sazonal", já que, além do novo vírus H1N1, as outras estirpes que circularam "nunca tiveram uma disseminação epidemiológica".

Veja aqui o texto da intervenção da Ministra da Saúde sobre o ponto de situação da gripe A em Portugal, no passado dia 4 de Fevereiro: <http://bit.ly/a7UzFz>

Internet segura: partilhar em vez de bloquear

As redes sociais podem servir para juntar pais e crianças em frente do computador, um momento de partilha que deve ser usado para falar sobre os riscos da Internet. Uma forma mais eficaz de defender as crianças dos perigos online do que os tradicionais bloqueios de sites usados pelos pais, garante o fundador de MiudosSegurosNa.Net, Tito de Morais.

Em Portugal, as populações que estão mais expostas aos perigos das comunicações virtuais são os adolescentes dos 12 aos 16 anos, lembra aquele especialista. Uma situação que não mudou, tal como os riscos a que estão sujeitos os mais novos, acrescenta Morais. A única diferença é que "as redes sociais estão a agregar todos os serviços - jogos, fotografias, vídeos, contactos, conversas - agregando assim também todos os riscos", sublinha.

As cinco categorias de risco são: os conteúdos, os contactos, o comércio, os comportamentos e o copyright. Além dos perigos virtuais, os jovens também têm "tendência para subestimar o papel negativo de algumas situações". Estes esquecem-se, por exemplo, que as redes sociais do mundo real são diferentes das redes sociais virtuais, que uma vez publicado o conteúdo digital fica registado para sempre e que pode ser facilmente replicado em diversos locais, enumera Tito de Morais.

Por outro lado, o técnico lamenta que os pais pensem apenas a segurança na Internet como "uma questão tecnológica, pedindo software para proibir e bloquear". Já que estas ferramentas só são eficazes até as crianças descobrirem uma forma de as contornar, ou seja, para crianças até aos 10 anos.

(Adaptado de "DN")



Foto: iol
